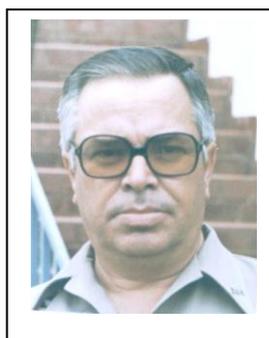




## PESQUISA SOBRE A LOCALIZAÇÃO DA REAL FEITORIA DO LINHO CÃNHAMO DO RINCÃO DO CANGUÇU 1783-1789 PELO JORNALISTA CAIRO MOREIRA PINHEIRO



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008. Integramos o IHGMG como sócio correspondente. Desde 1970 pesquisa a História da Real Feitoria do Linho Cãnhamo **Digitalização de artigo do jornalista Cairo Moreira Pinheiro acadêmico da ACANDHIS para disponibilizá-la em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa para ser integrada no Programa Pergamun de bibliotecas do Exército**

**PESQUISA SOBRE A REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO  
DO RINCÃO DO CANGUÇU 1793-1799**

Jornalista CAIRO MOREIRA PINHEIRO

***“A presente pesquisa é de interesse histórico nacional do Brasil e de Portugal e do Rio Grande do Sul e trata do resgate, com apoio em fontes primárias, de importante assunto que se encontrava coberto pela pátina do tempo. É de interesse também da História Militar Terrestre do Brasil pelas personagens militares brasileiras nela envolvidas no final do século 18, e também da história do município de Canguçu.”*** Segundo Claudio Moreira Bento.

A seguir reproduzo o Parecer do Conselho de Cultura do Rio Grande do Sul concluindo que a Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rio Grande do Sul não foi na Ilha da Feitoria e sim no Continente entre aos arroios Correntes e Grande,

PARECER Nº: 18/93 – Conselho Estadual de Cultura sobre a localização da Real Feitoria do Linho cânhamo.(Cons. Relator Miguel Frederico do Espírito Santo. Votação Nominal)

“Tombamento de complexo arquitetônico, constituído por um casarão e duas senzalas, localizado na ilha da Feitoria, município de Pelotas, que teria sido sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão de Canguçu. Pedido não conhecido por vício de fundamentação e falta de suporte histórico.”

**Instalação da Real Feitoria do Linho – Cânhamo do Rincão de Canguçu**

Tomando conhecimento pelo **Diário Popular** de 03/07/2013, de que alguns leitores, sendo um deles o Sr. Marcelo Boabard Pereira, demonstraram interesse em conhecer a conclusão da polêmica instalação da Real Feitoria do Linho – Cânhamo do Rincão de Canguçu e dispondo do parecer nº 18/93 citado a esse respeito, pagina 49 a 72, abordo este assunto com os seguintes esclarecimentos que se encontram na plaqueta dos Pareceres do CEC, números: 01/92 a 21/93.

- Por ofício de 06/04/1992, de Pelotas, Zenia de Léon dirige-se á excelentíssima Professora Mila Cauduro, Secretária da Cultura, solicitando o tombamento de um complexo arquitetônico constituído por um casarão e duas senzalas, no município de Pelotas, localizado na Ilha da Feitoria, que teria sido sede da Real Feitoria do Linho – Cânhamo do Rincão de Canguçu (1783 a 1789).

Pedido que não foi conhecido por vício de fundamentação e falta de suporte histórico, pelo Conselho Estadual de Cultura, e sendo levado a votação nominal, por unanimidade foi assim considerado.

Várias informações foram solicitadas que serviram para a elucidação do parecer 18/93 CEC.

Citaremos a do jornalista e historiador Coronel Cláudio Moreira Bento, em carta de 09 de junho de 1992, de Itatiaia, Rio de Janeiro.

1- Cópia de carta recebida do jornalista e historiador Carlos Reverbel, biógrafo do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes , datada de 20 de abril de 1992, de Porto Alegre, em suas impressões sobre a leitura do trabalho de Claudio Moreira Bento sobre a Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão de Canguçu, entendendo ser completa a pesquisa e com **“Elementos a esgotar o assunto do ponto de vista historiográfico não vendo como se pretender polemizar sobre a matéria”**.

2- Cópia da carta recebida de Gilberto Oliveira de Oliveira, proprietário da fração de terra na ilha de Feitoria (28/01/1992) de Bagé.

3- Cópia do trabalho de sua autoria intitulado “Real Feitoria do Linho-Cânhamo” do Rincão de Canguçu (1783-1789) elaborado para contrapor a opinião da escritora Zênia de Leon..

4- Cópia do artigo de sua autoria “Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão de Canguçu”

5. Cópia do “Plano de terreno em que atualmente se fazem experiências de sementeiras do Linho-Cânhamo” (...) levantado por Alexandre Eloy Portelli em 1783 (copiar p. 56, ofício 794...)

Face ao exposto, opinou o relator, não seja conhecido o requerimento por vicio de fundamentação, uma vez que o alegado não encontra sustentação no fato histórico. Concluída a votação o presidente proclama o resultado:

O parecer nº 18/93 CEC foi aprovado por 12 votos favoráveis caracterizando aprovação por unanimidade.

### Conclusão

De acordo com os elementos que constam no termo de medição, a sede da Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão de Canguçu, localizou-se nas cercanias do sitio situado a uma distancia aproximada de dois a quatro quilômetros da confluência dos arroios Correntes e Tigre, marcados no plano de Eloy Portelli com os sinais da existência de uma sementeira de linho e da “Ronda do Coronel” atualmente é a área em que se encontra a Vila São José, ou suas adjacências, no município de Pelotas.

Face ao exposto opino não seja conhecido o requerimento de Zenia de León por vicio de fundamentação, uma vez que o alegado não encontra sustentação no fato histórico.

Várias fontes foram utilizadas na composição do parecer nº 18/93 CEC:

- Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Público do Rio Grande do Sul; Arquivo Histórico de Rio Grande do Sul; Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

Foi relator do parecer nº 18/93 CEC o Conselheiro Miguel Frederico do Espírito Santo, que teve seu trabalho elogiado por todos os seus pares caracterizando aprovação por unanimidade.

### Conselheiros – Votação Nominal

Conselheiro Relator: Miguel Frederico do Espirito Santo, Conselheiro Hiron Cardoso Goidamich, Conselheiro Itálico José Marcon, Conselheiro João Batti Filho, Conselheira Maria Glória Miranda Corbetta, Conselheira Mariza Simon dos Santos, Conselheiro Paulo Jaurés Pedroso Xavier, Conselheiro Roque Jacoby, Conselheiro Rovilio Costa, Conselheiro Irmão Elvo Clemente, Conselheira Maria Josepha Pigacco Motta, Conselheiro Helio Moro Mariante, Presidente Conselheiro Fernando Otávio Miranda O’Donnel

Neste trabalho, o autor Claudio Moreira Bento relaciona oito conclusões com as quais pretende demonstrar que a sede da feitoria funcionou no ponto mais alto do Rincão de Canguçu, que era território continental, no local que passou a ser conhecido como Canguçu Velho. Pretende demonstrar, ainda, que a ilha de Canguçu, hoje da Feitoria, desde 1777 tem sido propriedade

particular, passando, por volta de 1795, a compor, com o Rincão de Canguçu e uma sesmaria na área da atual cidade de Canguçu, a estância da Feitoria, a partir daquela altura propriedade de Paulo Rodrigues Xavier Prates. A ilha de Canguçu, onde jamais funcionou qualquer instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo, veio a chamar-se Feitoria em função de estar integrada à estância da Feitoria. A estância da Feitoria passou a ser comandada da estância da Sotéia, na ilha da Feitoria. Somente a partir da Revolução Farroupilha é que em documentos cartoriais a ilha de Canguçu passou a figurar como ilha da Feitoria, constando ainda com o nome de Canguçu no “Dicionário Imperial Geográfico”, editado em 1888. Entende que o equívoco de ser considerada a ilha de Canguçu como sede da Real Feitoria terá se originando do artigo de Souza Docca “**Vocábulos Tupis na Geografia Rio-Grandense**” publicado na RIHGRGS, nº 3, IIIº Trimestre, 1921, e popularizado por Fernando Luiz Osório, em sua obra “**A cidade de Pelotas**”, cuja 1ªed. veio a lume em 1922. Finalmente, que a Real Feitoria abrangia porções dos futuros municípios de Canguçu e Pelotas.

### **O PLANO DO TERRENO DA REAL FEITORIA**

O diretor-geral do Arquivo Nacional, em resposta à solicitação da Senhora Secretária da Cultura, Prof.ª Mila Cauduro, através do ofício NA/GAB/nº 269/92, datado de 9 de julho de 1992, informou não constar no acervo do Arquivo Nacional cópia da planta da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão de Canguçu, encaminhando, entretanto, relação de documentos sob a guarda daquela instituição pertinente ao tema em causa.

Pelo ofício nº 794/92/SEDAC, datado de 10 de agosto de 1992, a Senhora Secretária da Cultura solicitou ao Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, Portugal, que informasse sobre a existência, naquele Arquivo, da planta da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão de Canguçu, remetida para Portugal nos primeiros meses de 1784 pelo Vice-Rei Luís de Vasconcellos e Souza, Conde da Figueira,.

Em resposta, através do ofício nº 350, datado de 2 de setembro de 1992, o Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino comunica que a planta solicitada foi localizada naquele tomo, assim como dois ofícios do Vice-Rei do Brasil D. Luis de Vasconcellos e Souza, Conde da Figueira, sobre a instalação da Feitoria do Linho-Cânhamo, no Rincão do Canguçu.

Em estada em Lisboa, em outubro de 1992, este Relator adquiriu cópia do original da planta e microfilme dos ofícios mencionados.

Do plano do terreno, levantado por Alexandre Eloy Portelli, entretanto, existe uma cópia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), Mss.9,4,12, segundo consta no verbete PORTELLI (Alexandre Eloy), da Bibliografia Sul-rio-grandense, de Abeillard Barreto, Vol. II, Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1976, p. 1081-1082.( Este exemplar na Biblioteca

Nacional foi o que localizou o historiador e jornalista Claudio Moreira Bento e que publicou na última capa de seu livro:

**Em Canguçu Velho em Canguçu- RS a sede da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu (1784/1789).**  
Resende:AHIMTN/IHTRGS/AHIMTB,2009

Endireitando o agulhão para a terceira base ao rumo de sueste quarenta e oito graus, achou-se pela sua extensão mil quinhentos e quarenta braças desde a dita lomba no capão até outra lomba alta que está meia milha a nordeste das casas do autor aonde foi a Real Feitoria do Linho Cânhamo e endireitando o agulhão à quarta base ao rumo de nordeste cinqüenta e nove graus achou-se pela sua extensão ter mil quinhentas e noventa braças desde a dita lomba da feitoria até outra grande da tapera que está um quarto de légua a este do arroio Grande (...)

### 3. Terceira Base.

Lomba da Ronda do Coronel.“ Rumo quarenta e oito graus sueste, a uma distância de mil quinhentas e quarenta braças da lomba anterior, achou-se outra lomba alta que está meia milha a nordeste /de onde foi a Real Feitoria do Linho Cânhamo.

FERNANDO OTAVIO MIRANDA O'DONNELL ( Presidente):

Para o antigo Continente do Rio Grande, a paz conseqüente ao Tratado do Santo Ildefonso (1777) representou, antes de tudo, a sua salvação econômica.

1. O impulso inicial dessa quadra incruenta de nossa formação cabe, sobretudo aos açorianos, trazidos para cá através da mediação oficial, a partir de meados dos séculos XVIII. Afeitos ao cultivo do solo, foram incubidos à reativar a agricultura, praticamente desaparecida pelos agravos da guerra.

2. Foram em seguida mandados para o Rincão do Canguçu. A 9 de outubro de 1783, foi estabelecida a Feitoria (in **História do Rio Grande do Sul**. Rio, Simões, 1954. Págs. 91/92).

3. Deu novo impulso à cultura do Cânhamo, e mudou de Canguçu para as margens do rio dos Sinos a Real Feitoria.

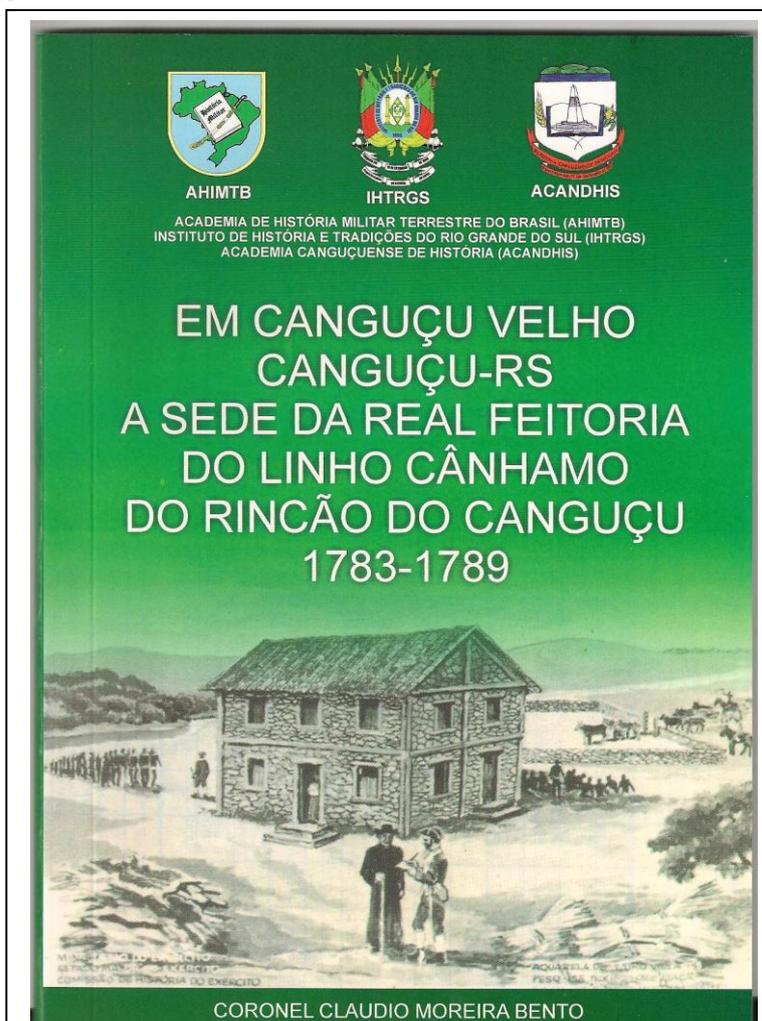
4. Pois bem. A intenção deste desprezioso esboço, vazado in **rusticam romanam linguam**, é apenas situar a questão oferecida pelo expediente a ser conduzido pelo brilhante estudo do Sr. Conselheiro-Relator. Antes, contudo, convém observar a unanimidade dos uniformes quando se referem ao rincão de Canguçu.

Concluída a votação, o Presidente proclama o resultado: O Parecer nº 18/93/CEC foi aprovado por (12) votos favoráveis, caracterizando aprovação por unanimidade.

Finalizando, valho-me das palavras do ilustre escritor historiador canguçuense Cel Claudio Moreira Bento em seu livro – **“Em Canguçu Velho – Canguçu RS – A Sede da Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão do Canguçu – 1783 – 1789”**

**“Hoje resta ao defensores da tese da Real Feitoria demonstrarem cientificamente, à luz de fontes primárias autênticas fidedignas e integras que a sede da Real Feitoria não funcionou em Canguçu Velho”.**

**“ Repetimos: Cláudio Moreira Bento é , acima de qualquer dúvida, a representação viva do elo entre o presente e o passado do município de Canguçu, pelo qual demonstra tanto amor. Por isso, principalmente, pelo que ele tem honrado e dignificado a sua terra natal, como historiador emérito e muito especialmente pelos seus conterrâneos canguçuenses.”**



Capa da plaqueta, nosso último e conclusivo trabalho sobre a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo , na esperança de quem for contra a minha tese que o demonstre com apoio em fontes, primarias, fidedignas, autênticas e integras. Cel Claudio Moreira Bento